UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS
ADENILDES RIBEIRO SENA

COLETÂNEAS DE ENTREVISTAS E CRÔNICAS

Salvador
2020
SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .................................................................................................................. 4
1 COLETÂNEA DE ENTREVISTAS ....................................................................................... 6
1.1 Entrevistas produzidas pelos alunos e alunas do 8º A ................................................... 7
Entrevistado: Fabio da Cruz dos Santos ............................................................................. 28
Entrevistado: Antônio José ................................................................................................. 29
Entrevistada: Marlene Brito dos Santos ............................................................................. 30
Entrevistada: Terezinha da Conceição ............................................................................... 31
Entrevistada: Jovelina ........................................................................................................ 32
Entrevistada: Maria das Graças ......................................................................................... 33
Entrevistada: Maria Sônia da Silva ..................................................................................... 34
Entrevistado: Lourival ........................................................................................................ 35
Entrevistada: Pureza .......................................................................................................... 36
Entrevistada: Maria das Graças ......................................................................................... 37
Entrevistada: Jovelina ........................................................................................................ 38
Entrevistada: Terezinha da Conceição ............................................................................... 39
Entrevistada: Marlene Brito dos Santos ............................................................................. 40
Entrevistado: Antônio José ................................................................................................. 41
Entrevistado: Fabio da Cruz dos Santos ............................................................................. 42
2 COLETÂNEA DE CRÔNICAS ......................................................................................... 29
2.1 Crônicas produzidas pelos alunos e alunas do 8º A ....................................................... 31
Nerinho, o lobisomem ........................................................................................................ 32
Mudanças .......................................................................................................................... 33
João furão .......................................................................................................................... 34
Minha história .................................................................................................................... 35
Hellena ............................................................................................................................... 36
O caso ................................................................................................................................. 37
Meu primeiro ano no Ceas ................................................................................................. 38
O mendigo ........................................................................................................................ 39
A história de Jessé .............................................................................................................. 40
Minha vizinha ................................................................................................................... 41
Ademar ............................................................................................................................... 42
A sinuca .............................................................................................................................. 43
Coisa de casal ...................................................................................................................... 44
Crônica ............................................................................................................................... 45
Pelada ................................................................................................................................. 46
A vida dos idosos ............................................................................................................... 47
Bom Sabor ........................................................................................................................ 48
Meu irmão logo de manhã ............................................................................................... 49
Crônica sobre a depressão ............................................................................................... 50
REFERÊNCIAS .................................................................................................................. 51
APÊNDICE A: Roteiro de entrevista sobre o bairro ............................................................. 52
ANEXO B: Cartazes produzidos no período da aula de campo ......................................... 53
ANEXO C: Cópia da crônica “O assalto” de Luís Fernando Veríssimo ............................... 54
APRESENTAÇÃO

A pesquisa *Letramentos ressonantes nas aulas de Língua Portuguesa* apresenta uma proposta de intervenção desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Letras, na Universidade Federal da Bahia. O objetivo deste trabalho é compreender as viabilidades e implicações do desenvolvimento de uma prática pedagógica de ensino da língua portuguesa a partir do conceito de letramento e que considere a leitura e a escrita enquanto ressonâncias sociais, no contexto da escola pública, a fim de entender quais parâmetros são de fato relevantes para a formação de leitores, num contexto educacional específico.

Com base nas considerações de Kleiman (2015); Rojo (2009); Street (2014) e Tfouni (1995) pretendeu-se promover o letramento a partir da concepção da leitura e da escrita enquanto prática social. O público-alvo é a turma do 8º ano do turno vespertino do CEAS–Centro de Estudos e Aperfeiçoamento do Saber, uma escola localizada em contexto rural do interior da Bahia. A classe é composta por 32 alunos que residem em distritos diferentes do entorno da região escolar. Logo, para que se cumprissem os objetivos deste estudo, foi necessário compreender melhor as práticas de letramento de cada comunidade para evidenciar as práticas de leitura e escrita para, então, pensar a prática de ensino em consonância com a realidade social e demandas específicas da comunidade.

A Unidade Escolar, CEAS, está localizada no Município de São Francisco do Conde-Ba, situada no distrito de Caipe de Cima, Alto da Bela Vista. Nesse contexto, esta pesquisa se dedicou a estudar as seguintes questões: Por que os alunos do CEAS, tanto os que estão em distorção idade-série quanto os que não estão, apresentam dificuldade concernente às habilidades de leitura e escrita de textos? Como o ensino da língua portuguesa deve ser encaminhado para que a realidade observada na escola seja superada? Para o desenvolvimento deste estudo, procedeu-se a uma pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico e com o desenvolvimento de um projeto de intervenção.

O projeto teve como elemento norteador de suas ações a Olimpíada de Língua Portuguesa: escrevendo o futuro, uma prática de letramento adotada na unidade escolar CEAS, ocorrida durante o ano letivo de 2019. Uma das orientações propostas pela coordenação da escola, para o trabalho de todos os professores de Língua Portuguesa, foi que déssemos prioridade à OLP–Olimpíada de Língua Portuguesa escrevendo o futuro.

A OLP oferece formação aos professores e realiza um concurso de produção de texto, contribuindo para melhoria do ensino de leitura e escrita das escolas públicas do Brasil. Busca valorizar a interação dos estudantes com a comunidade do seu bairro. Sendo assim, os
professores têm como papel orientar as práticas de leitura e escrita dos alunos que resgatarão histórias e estreitarão vínculos ao aproximarem-se dos saberes da cultura local. Os textos a serem produzidos pelos alunos poderão ser de diversos gêneros: poemas -5º ano-; memórias literárias-6º e 7º ano-; crônicas-8º e 9º ano-; documentário-1º ano- e artigo de opinião-3º ano-.

No período da intervenção, a minha turma do 8º ano participou da OLP com a modalidade do gênero textual crônica, um gênero que se destaca pelo fato de dar ênfase a pequenos acontecimentos comuns do dia a dia, tanto nas grandes cidades quanto nas pequenas. Por isso, para compor as ações do projeto de intervenção, foram incorporadas algumas atividades do âmbito das olimpíadas. Contudo, o foco do nosso trabalho não estava no produto final, ou seja, a coletânea de crônicas que foram produzidas ao longo do processo, mas nas práticas de leitura e escrita desenvolvidas com base nessa proposta e na ressignificação da aprendizagem. No quadro a seguir, estão dispostas as ações realizadas durante a prática interventiva:

<table>
<thead>
<tr>
<th>Ações</th>
<th>Objetivos</th>
<th>Período</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Apresentação do projeto.</td>
<td>Apresentar aos alunos e alunas a proposta de um ensino baseado na concepção de leitura e escrita como prática social.</td>
<td>1º Mês</td>
</tr>
<tr>
<td>Apresentação da Olimpíada de Língua Portuguesa: Escrevendo o futuro.</td>
<td>Explicar sobre a Olimpíada de Língua Portuguesa e a forma de participar dela.</td>
<td>1º Mês</td>
</tr>
<tr>
<td>Aulas voltadas para a compreensão do gênero crônicas.</td>
<td>Apresentar o gênero textual crônica. Compreender a temática do gênero crônica. Conhecer diferentes temas de crônicas.</td>
<td>2º Mês</td>
</tr>
<tr>
<td>Aulas voltadas para entrevista à comunidade.</td>
<td>Explicar o tema da Olimpíada: O lugar onde vivo e levantar informações sobre o bairro.</td>
<td>3º Mês</td>
</tr>
<tr>
<td>Produção de crônicas</td>
<td>Produzir uma crônica com o tema “O lugar onde vivo”</td>
<td>3º Mês</td>
</tr>
<tr>
<td>Aula de campo</td>
<td>Explorar o lugar onde vivo.</td>
<td>4º Mês</td>
</tr>
<tr>
<td>Evento de Letramento</td>
<td>Expor os textos produzidos ao longo do ano letivo.</td>
<td>5º Mês</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1 COLETÂNEA DE ENTREVISTAS


Assim, o desenvolvimento das atividades relacionadas às entrevistas ocorreram a partir do tema “O lugar onde vivo” que era o assunto da *Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro* do ano de 2019. Por conseguinte, os alunos e alunas da classe escreveram entrevistas (Apêndice A, p. 54) com base nas histórias das pessoas das comunidades da qual fazem parte, com enfoque no respeito à memória local.

Ademais, é válido ressaltar que nesta etapa do projeto de intervenção, solicitei à classe que fizesse uma pesquisa a fim de coletar informações sobre a gênese do bairro. Nas aulas seguintes, os resultados dessa ação foram socializados em sala. Concordamos que essas narrativas deveriam ser guardadas, pois como futuros cronistas eles precisariam estar atentos aos fatos do dia a dia, já que cada situação do cotidiano seria importante para os próximos passos da produção escrita de crônica.
1.1 Entrevistas produzidas pelos alunos e alunas do 8º A

#1 O lugar onde vivo!

ENTREVISTAS

Caderno de Entrevistas escritas pelos alunos e alunas do 8º Ano A, da Unidade Escolar-CEAS
Org.: Profa. Adenildes Ribeiro Sena

São Francisco do Conde-Ba
2019
Entrevistas
Entrevistas escritas pelos alunos e alunas do 8º ano A/2019, da Unidade Escolar CEAS-Centro de Estudos e Aperfeiçoamento do Saber.

São Francisco do Conde - BA
2019
Entrevistada: Sônia Barbosa

Idade: 88 anos
Bairro: Caípe
Participante 1

Respeito à memória local

A moradora Sônia quando veio morar nas casinhas não tinha muitas coisas como hoje. As casas estavam quase prontas, mas não tinha pessoas morando, pois era propriedade da Petrobrás. Estava cheio de seguranças e as pessoas eram proibidas de entrar, mas graças ao senhor Hernandes, como líder do movimento sem-terra, as pessoas poderiam morar.

Logo depois começaram a chegar mais pessoas. Começaram a construir mais casas e as casas começaram a ter água encanada e energia elétrica que antes não tinha. Antes tinha um parquinho para as crianças brincarem, depois houve muitas mudanças e foi crescendo, e com isso chegaram mais pessoas, e foi assim que surgiu o Condomínio das Casinhas e está assim até o dia de hoje.
Entrevistada: Railda
Idade: 73 anos
Bairro: Muribeca
Participante 2

Respeito à memória local

A entrevistada, Railda, que mora na Rua São José há 25 anos, conta que no início só tinha dois moradores. Um lugar deserto que não tinha energia e que eles usavam apenas equipamentos de luzes. Um lugar onde só tinha o básico. Depois de um tempo foi chegando mais moradores e construindo mais casas no local e aos poucos a rua foi ficando mais cheia. Nessa época, não tinha água nas casas, então para sobreviver os moradores pegavam os seus baldes e iam até a fonte buscar água. A rua não tinha quase nada nem mesmo chão de cimento.

A rua era cheia de buraco e toda de barro. A entrevistada diz que se lembra de quando os seus pais tinham que carregar seus filhos até a escola (andando), pois não tinha ônibus escolar e por conta do barro (lama) que tomava conta da rua era difícil a locomoção. Hoje em dia a rua está toda mudada, tem muitos moradores e as casas são todas organizadas, o chão é de cimento e tem iluminação e água encanada nas casas e na rua.

Muribeca:

- Teve uma ocasião que teve epidemia de catapora e que começaram a morrer muitas pessoas. Para tentar resolver essa situação eles decidiram construir a Igreja de São Roque para pedir socorro a São Roque para que acabasse com aquela epidemia.

- No dia 16 de agosto acontecia a Romaria que era rezada por dona Lurdes. Antigamente também acontecia a esmola cantada e que hoje em dia continua acontecendo.

- Também acontecia o leilão, que muitos participavam e no final as cestas ficavam cheias de cachos de bananas, mamão, etc.
Entrevistada: Rosinea Gomes de Jesus Neres

Idade:
Bairro: Calmonte
Participante 5

Respeito à memória local

Minha entrevista é Rosinea Gomes de Jesus Neres, residente na Rua Jerusalém – Calmonte. Minha entrevistada mora aqui há cerca de 20 anos, ela conta que quando veio morar aqui as ruas eram de barro, tinha poucas casas e comércio. Não tinha muitas pessoas como hoje. hoje em dia as ruas estão calçadas, temos um posto de saúde que foi inaugurado ontem.

Ao longo do tempo foi abrindo comércios, lojas dentre outros, depois chegou a iluminação e água e também foram construídas mais ruas, hoje em dia vem gente de fora passar férias, carnaval, aniversário, por conta que é perto da praia e é limpinho, agora vai ficar ainda melhor porque abriu um posto de saúde por perto.
Entrevistada: Antônia

Idade: 
Bairro: Muribeca
Participante 9

Respeito à memória local

A moradora Antonia relatou que a Muribeca inicialmente não tinha um grande número de moradores, mas sim duas pessoas que foram os primeiros habitantes. Era uma região tomada por vegetação

Esses moradores viviam da agricultura, plantavam principalmente, banana e aipim; e as primeiras casas foram construídas com barro.

Na Muribeca não tinha meio de transporte, por isso quando os moradores queriam ir para outra cidade iam a pé ou a carroça .Não tinha escola ou nenhum outro meio de ensino, por isso tinham que estudar em cidades vizinhas.

Anos se passaram, e a quantidade de moradores foi crescendo, e aos poucos Muribeca foi evoluindo.
Entrevistado: Antônio
Idade:
Bairro: Caípe de Cima
Participante 12

Respeito à memória local
Como este bairro surgiu?

Eu moro no Caípe de Cima. Foi assim... Nesse Caípe tinha muita mata e virou essa cidade. Foi assim... meu avô morou há muito tempo no Caípe e ele me contou que este lugar tinha mato, águas, lamas. Os homens catavam caranguejo, siri e esses homens foram desmatando a mata, água e plantando terras para a água surgir. Construindo casa prédio fazendo o mesmo processo para construir casa e virar este Caípe de Cima. Meu avô contou tudo. Fim
Entrevistada: Felícia Feliz de Santana dos Santos
Idade: 64 anos
Bairro: Muribeca
Participante 13

Respeito à memória local

Mora no bairro Muribeca, ela tem 64 anos, a sua profissão é de doméstica, desde que ela conheceu esse bairro sempre foi chamado Muribeca. ela mora aqui em Muribeca há 40 anos.

Ela conta que neste bairro as casas eram de barro e de tábua, as ruas eram de lama, e as lojas de comércio não existiam. Muito tempo atrás existia escolas, mas postos médicos não havia. Mas, depois. Ao longo do tempo que não havia essas coisas, muitas mudanças aconteceram para o que era antes mudou bastante, porque hoje as ruas são asfaltadas, tem mercadinho, posto médico, tem açougue, tem correio e também PSF que antigamente não tinha.

Hoje, nos dias atuais, ela não mudaria nada, apenas acrescentaria um posto policial para a nossa segurança e uma farmácia.
Entrevistada: Maria Balbina

Idade: 
Bairro: Caípe
Participante 14

Respeito à memória local

A dona Maria Balbina já está aposentada. Ela mora no Caípe, Rua Jerusalém-Curupéba.Este bairro sempre teve este nome.

A dona Maria Balbina mora há 10 anos nesse bairro. Este bairro não teve muitas diferenças, ele antigamente era um brejo, não tinha calçamento, só havia duas casas. A única mudança que teve foi o aumento de casas e o calçamento.

Dona Balbina desejaria que a Coelba entre na rua para que todos possam sair do gato e que o Prefeito resolva a questão dos esgotos que estão todos entupidos.
Entrevistada: Domingas de Argolo
Idade: 79 anos
Bairro: Muribeca
Participante 15

Respeito à memória local

Naqueles tempos quando surgiu a Muribeca eram três casas distantes uma da outra, agente acordava 4h:00min da madrugada para ir à casa de farinha raspar mandioca, peneirar, ralar no motor, e botar na prensa para enxugar a massa. quando a massa enxugasse eu, minha mãe e minhas irmãs pegávamos a massa para poder peneirar tudo para depois botar a farinha no fogo para mexer.

Antigamente agente usava candeeiro por que não tinha eletricidade. Para acender debaixo do forno usávamos bambu. Era muito escuro à noite na mata. Para lavar os aviamentos da prensa de farinha pegávamos água na fonte que além de ser muito difícil de carregar água tinha uma ladeira muito grande.

Quando acabava de torrar a farinha meu pai botava as malas no burro e ia vender em Santo Estevão. Nós carregávamos água na cabeça, pegava lenha no mato... não existia fogão a gás. só existia fogo de lenha. Agente lavava roupa no rio... antigamente não existia água encanada.

Antigamente quando eu tinha 12 anos eu , minha mãe e minhas irmãs acordávamos 7h:30min para ir a maré dependendo se ela vazasse.
Entrevistada: Maria Vanilda dos Reis Santos

Idade:
Bairro: Caípe de Cima
Participante 16

Respeito à memória local

✓ Qual é o seu nome?

Maria Vanilda dos Reis Santos

✓ Qual é a sua profissão?

Auxiliar de limpeza escolar.

✓ Qual o nome do bairro onde mora?

Caípe de Cima, Rua da Bandeira.

✓ Este bairro sempre teve esse nome?

Sim, já tem 40 anos com esse nome.

✓ Há quanto tempo você mora no bairro?

42 anos.

✓ O bairro em que moras sempre foi assim?

Não, não tinha luz, energia, água e nem estrada.

✓ Como eram as ruas, as praças, as casas e as lojas de comércio?

Não existia na época.

✓ Existiam escolas e postos de saúde? Como eram?

Não existiam, só mato e poucos moradores.

✓ Que mudanças você observou no bairro ao longo do tempo?

Várias coisas...começou a ter luz, água, postos de saúde, escolas e outras coisas.

✓ O que você mudaria no bairro?

Uma creche, pois ajudaria as mães que trabalha. Um espaço, para as crianças brincar.
Entrevistada: Marizete

Idade: 73 anos
Bairro: Santo Estevão
Participante 17

Respeito à memória local

Meu nome é Marizete, tenho 73 anos, sou doméstica, moro aqui no bairro de Santo Estevão. Moro neste bairro desde meus 15 anos, desde quando vim morar aqui no bairro sempre foi calmo, e bom para moradia.

Lembro bem que as ruas eram simplesmente de barro, que quando chovia a gente quase nem saía de casa. Lembro também que quando alguém passava mal não tínhamos um posto de saúde aqui para dar socorro, nem uma ambulância. Mas agora tudo mudou, tem ambulância para dar socorro agora, temos atendimento nos postos de saúde. Santo Estevão graças a Deus continua calmo.
Entrevistado:Dilson

Idade:
Bairro: Santo Estevão
Participante 19

Respeito à memória local

Como surgiu este bairro?
Este bairro surgiu com implantação do Engenho Capela deste mesmo nome que era de propriedade do Sr. Gabriel Viana, primeiro intendente, a partir da expansão da cultura Canavieira no ano de 1640. O santo saiu do Engenho para Santo Estevão, onde está hoje.

Como eram as casas?
As casas eram de taipa, telhado de palha, chão de barro apilado, as ruas estreitas, os mictórios ao ar livre. Não existia praça e nem loja, o que tinha era um armazém que vendia de tudo. As roupas eram compradas na mão do camelô. Só com a fundação da cultura petrolífera que a vida social do município começou a mudar para melhor.

Como eram as escolas?
No início, não existia escolas pública. Aqueles que queriam estudar tinha que pagar a uma pessoa que tinha certo grau de conhecimento letrado que se dispusesse a ensinar. Depois o governo do estado pertencente à família Viana passou a mandar professores para administrar aula em casas alugadas tendo como o primeiro professor Iroci Viana, neto de Gabriel Viana. A partir do ano de 1949 é que foi construída a primeira escola pública Fagundes Varela, que funcionou até o ano de 1969, a partir daí ficou sem professor até a escola contratar a professora Isabela Amaral Malheiros. Só no ano de 1985 o município construiu a escola O Soldado Desconhecido para o ensino fundamental I, a primeira 4ª série. neste mesmo ano foi também construída a escola o Girassol.

Como eram as missas?
As novenas do padroeiro local “Santo Estevão” comemora em 26 de dezembro em cada ano, sendo que nesta data celebrava-se uma missa, porém “latim”, após a respectiva missa saiu um cortejo da igreja fazendo assim uma procissão. Da mesma forma os festejos de Nossa Senhora da Conceição acontece no dia 8 de dezembro de cada ano.
Entrevistada: Maria Sônia da Silva

Idade: 82 anos
Bairro: Caípe
Participante 24

Respeito à memória local

A dona Sônia mora no bairro Caípe de Cima desde 2007 quando o local ainda pertencia a Petrobrás. Ela conta que quando chegou aqui era uma fazenda fechada que ainda não havia eletricidade. Na época o local era mais habitado por policiais. Antes havia muitas árvores que com o tempo foram cortadas para a construção de mais casas. Com o tempo começaram a liberar as casas para os habitantes graças ao movimento sem-teto liderado por Hernandes e Israel.

De acordo com seu relato havia, e poucos ainda funcionam, movimentos sociais, como grupos de crianças e escolas de samba. Com o movimento sem-terra várias pessoas se mudaram para cá e começaram a morar em barracos. Antes havia um parquinho que foi demolido com o objetivo de construir uma praça no local. O projeto para o bairro tem o objetivo de terminar a praça e de construir uma academia para os idosos frequentarem. O local atualmente é chamado de Condomínio da Vitória.
Entrevistado: Lourival
Idade: 65 anos
Bairro: Caípe de Cima
Participante 23

Respeito à memória local

Antigamente o Caípe se chamava Fazenda Caípe por se tratar de uma fazenda. Pertencia a um só dono que se chamava Carlos Azevedo Pinto Soares. Após o seu falecimento sua esposa herdou o terreno e por motivo desconhecido resolveu vender os lotes da fazenda. Houve muitos compradores, que entre eles estava meu avô.

No início moravam poucas pessoas aqui, mas com o passar do tempo algumas dessas pessoas migravam para a cidade e assim o local foi enchendo e foram vendendo seus terrenos a outras pessoas que migravam da cidade para o interior em busca de um lugar mais sossegado. Assim, o local começou a crescer e pelo fato do crescimento da população, houve a necessidade da construção da primeira escola que se chamava Maria Lucia Alves onde eu estudei os meus primeiros anos e onde meus pais também estudaram;

Depois foi construída uma igreja onde naquele local todo o povo desta localidade exercia sua fé, foi assim que meus pais me contaram que no início a estrada daqui era barro e só depois de muitos anos os nossos governadores vendo a necessidade e a dificuldade dos moradores por conta do deslocamento resolveram asfaltar a pista e trazendo também energia elétrica e água encanada,que contribuiu muito para o desenvolvimento deste distrito.

Depois de muito tempo as ruas também foram asfaltadas; e não se esquecendo, nós temos um campo de futebol, que assim meu pai me contava que ele foi feito pelos nossos avôs e que até hoje ainda existe. Esse é o nosso único lazer que temos. Nessa localidade houve muitas mudanças que, aliás, algumas eu já citei acima, mas não posso deixar de citar que este local chamava-se fazenda Caípe e depois passou a se chamar apenas Caípe de cima de uns dez anos para cá. O Caípe de Cima cresceu tanto que houve a necessidade da construção de mais uma escola a qual tem o nome de CEAS.
Entrevistada: Pureza
Idade: 76 anos
Bairro: Caípe
Participante 25

Respeito à memória local

A dona Pureza mora no Caípe de Cima. Tem 76 anos, é dona de casa. O nome do bairro não era o mesmo de hoje em dia, era fazenda Caípe, pois só tinha plantações. O meu bairro surgiu na época da escravidão, não existia comércio, nem lojas. As casas antigamente eram feitas de tábuas. Não existia a praça que tem hoje, pois a rua era de barro. Não tinha asfalto, só existia uma escola. Não tinha posto de saúde... Quando ficavam doentes eles tinham que ter o próprio remédio que eram plantas ou ervas.

Depois de algum tempo começaram a construir o comércio e foi começando a fazer o asfalto e ao decorrer disso construíram um posto, depois foram construídas mais casas de blocos. Na época não tinha televisão, os moradores utilizavam rádio. Não tinha energia nem celular. Depois de um tempo surgiu. Colocaram o telefone fixo. Naquela época ainda era cruzeiro não o real igual a hoje em dia.
Entrevistada: Maria das Graças
Idade: 62 anos
Bairro: Caípe
Participante 22

Respeito à memória local

A dona Maria Das Graças trabalha como auxiliar de serviços gerais. Ela mora aqui em Santo Estevão desde que nasceu. Ela conta que o seu bairro teve sempre esse nome; ela conta que o bairro mudou muito que aqui antes era tudo praia, que não tinha calçamento nas ruas que hoje em dia são calçadas. Eram trilhas de barro, no lugar do que hoje é uma praça era tudo barro e mato. Naquele tempo a maioria das casas eram feitas de barro e nessa época não havia nenhum tipo de comércio aqui. Naquela época o único posto de saúde que havia era uma casa simples como qualquer outra que os médicos daqui naquela época usavam para fazer atendimentos. Tinha também uma escola chamada Escola Fagundes Varel, ela diz que estudou nessa escola e que ela existe até hoje.

As mudanças daquela época para cá são bem notáveis. As ruas antigamente eram trilhas de barro já hoje são asfaltadas, as casas eram feitas de barro hoje são feitas de cimento e bloco e com o decorrer do tempo foram vindo mais moradores e foram construindo mais casas. Hoje existe uma praia que naquele tempo não tinha... Antes era tudo bem simples e esse lugar não era tão conhecido como é hoje. Ela conta que gosta do seu bairro e que não pensa em se mudar daqui, que para ela está tudo perfeito do jeito que ela sempre sonhou.
Entrevistada: Jovelina
Idade: 56 anos
Bairro: Muribeca
Participante 21

Respeito à memória local

Muribeca sempre existiu e agora ela não está 100% como ela deveria, está mais bonita, está boa de se viver aqui. “Sabe, quando eu me mudei para a Muribeca não tinha né todas essas casas essa ruas tudo com calçadas com asfalto, as casas antigamente de taipa agora estão tudo moderna nem aparece muitas pessoas aqui em Muribeca por que aqui era tão calmo nem se via tantos sons de carros em bar, mas é claro que o tempo muda né aqui tem bastante sons da natureza, tem lugares de lazeres como campinho, maré e mais tem aqueles pequenos restaurante. Enfim eu sinceramente eu amo tá aqui em Muribeca”.
Entrevistada: Terezinha da Conceição

Idade: 79 anos
Mora na rua: Estrada Porto Ferrolho
Participante 26

Respeito à memória local


Com o passar dos tempos foram surgindo moradores e comprando os seus lotes e dividindo entre suas famílias, e construindo casas. Uma distante da outra e com isso foi aumentando os moradores. Com a morte do Sr. Laudino, o seu filho Pedro assumiu a responsabilidade do pai e o local foi crescendo e tornou-se uma comunidade hoje dividida até com nomes de ruas.

Já moro aqui há quase 41 anos. As ruas não tinham asfalto, eram de barro, cheias de buracos, não tinham praças, as casas todas de taipa, não tinha lojas e o comércio era em Candeias. Quando a gente precisava vender alguma coisa da roça, ou comprar algum alimento, remédio, roupas ou qualquer outra coisa a gente tinha que ir até lá. Só existia escola para ensinar até a 4ª série, e não tinha posto médico.

Hoje vejo um grande avanço: Posto médico 24 horas, ruas asfaltadas ou calçadas, água encanada em todas as casas, energia elétrica, transportes para conduzir pessoas tanto para Candeias como os estudantes para a escola estadual e CEAS; faculdade em Salvador, São Francisco; APAE, escolas locais, casas de bloco, mini mercados, linha telefônica, internet, academia e etc.

Ainda falta ter uma creche, quadra, praças, farmácias e ginásio.
Entrevistada: Marlene Brito dos Santos

Idade: 55 anos
Bairro: Rua Jerusalém
Participante 28

Respeito à memória local

Oi, meu nome é Reislan, estou aqui com a dona Marlene para saber um pouco da história dela.

✓ Boa tarde dona Marlene. Como é o seu nome completo?

Meu nome é Marlene Brito dos santos,
✓ Quantos anos a senhora têm?

Eu tenho 69 anos, moro na Rua Jerusalém, nasci em candeias.
✓ Quanto tempo tem que a senhora mora aqui?

Eu moro aqui há 55 anos.
✓ Como a senhora descreve esse bairro?

Aqui é muito bom. Calmo... logo quando eu cheguei não tinha nada, não tinha água, nem energia elétrica, mas hoje eu me sinto bem pelas coisas que tem.
✓ A senhora acha que esse tempo que passou o bairro passou por alguma mudança?

Sim.
✓ Quais foram às mudanças?

Posto médico padaria, energia, água encanada... o calçamento, ferro elétrico, mercado, ainda esta faltando algumas coisas... escola boa, crianças brinca... mas graças a Deus pelo que tem.
**Entrevistado: Antônio José**

Idade: 86 anos  
Bairro: Santo Estevão  
Participante 29

**Respeito à memória local**

O Sr. Antônio José, 86 anos (entrevistado). Me chamo Antônio José, sou profissional em Caldereiro, nasci e me criei em Santo Estevão. Esse bairro desde quando me entendo como gente sempre teve esse nome. Tenho 86 anos nunca saí daqui de Santo Estevão para morar em lugar nenhum. Aqui era tudo matagal e manguezal antigamente, depois com um tempo o bairro foi se desenvolvendo, as casas, as ruas, as praças foram sendo construídas. Foi aparecendo... Os pequenos comércios e aos poucos virando mercadinhos.

Existia uma escola pequena onde quando chovia a água invadia. Antigamente o posto de saúde não tinha, quando alguém precisava de atendimento saíamos daqui para Madre de Deus ou São Francisco do Conde.

Ao logo de todo esse tempo percebi inúmeras mudanças na educação, na saúde, no transporte, na infraestrutura, enfim. Ainda precisa-se mudar muitas coisas em nosso bairro, mas a nossa qualidade de vida antigamente era precária, hoje esta razoável. Se algum dia eu tivesse um poder aquisitivo tiraria os jovens das ruas, daria oportunidade a eles de se profissionalizar e serem bons pais de família no futuro.
**Entrevistado: Fabio da Cruz dos Santos**

Idade:
Bairro: Fazenda-Curupeba
Participant 30

**Respeito à memória local**

✓ Nome do Entrevistado:

*Fabio da Cruz dos Santos*

✓ Profissão do Entrevistado:

Caldereiro

✓ Nome do bairro:

*Fazenda-Curupeba.*

✓ Sempre teve esse nome?

Sim.

✓ Quanto tempo mora no bairro?

10 anos.

✓ O bairro onde você mora sempre foi assim?

Não. Houve muitas mudanças.

✓ Como eram as ruas, as praças, as casas e as lojas de comércio?

*Nunca teve nenhum tipo de comércio, as casas eram todas de madeira.*

✓ Existiam escolas e posto de saúde? Como eram?

Não existia nada do tipo.

✓ Quais mudanças você observou no seu bairro, ao longo do tempo?

*As casas ficaram mais bonitas, a rua asfaltou e a energia melhorou.*

✓ O que você mudaria no seu bairro?

✓ Os moradores.
2 COLETÂNEA DE CRÔNICAS


Assim, o desenvolvimento das atividades relacionadas à produção de crônicas ocorreu a partir do tema “O lugar onde vivo” que era o assunto da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro do ano de 2019. Por conseguinte, os alunos e alunas da classe escreveram suas crônicas com base em suas vivências refletindo sobre as histórias das comunidades da qual fazem parte (Anexo B, p. 55). Enquanto cronistas aprenderam a olhar ao redor e a interpretar as múltiplas facetas do viver em sociedade. Aprenderam a compreender os problemas que os cercavam como a violência que compõe a abordagem de determinados textos ou o vício de alguns moradores do bairro pelo álcool que perpassa em algumas histórias. Para produzir a Coletânea de crônicas, no decorrer do ano letivo de 2019, os estudantes tiveram que ler e interpretar as crônicas disponíveis no Anexo C das páginas 55 a 64.

Assim, a crônica é uma narrativa histórica que expõe os fatos seguindo uma ordem cronológica. Por possuir muitas faces, traz um olhar específico para o cotidiano. Com base nessa peculiaridade, os alunos e alunas, a quem ouso chamá-los de participantes do processo, se apropriaram desse gênero para dizer aos leitores de que forma veem a si mesmos e a comunidade que os cercam. Ainda consigo ficar arrepiada ao ler a crônica “Ademar” e constatar a preocupação da autora com a impunidade de um crime, ao dizer no final do texto: Ele deixou duas filhas... Até hoje todos têm essa dúvida de quem matou Babi e qual seria o motivo (p.42).

Ademais, é válido ressaltar a angústia da autora da crônica “O mendigo” quando diz: por ficar desempregado, hoje se encontra dominado pelo álcool, o qual anda catando latas para sustentar o vício. [...] É muito triste a situação desse homem (p.39). Mais uma vez verifica-se a preocupação social com um problema que afeta o morador do bairro. Em consonância com essa temática a autora da crônica “A história de Jessé” escreve: Aqui em Santo Estevão tem um mendigo chamado Jessé. Ele sempre está bêbado (p.40). Vê-se que
sob escritas distintas, o olhar dos cronistas ou das cronistas dialogam, capturando as mesmas imagens.

Destarte, ainda preciso frisar a preocupação da cronista do texto “Minha história” quando relata: [...] tão jovem tinha algo tão triste: a depressão que tomava conta dos seus sentimentos (p.35). Essa narrativa funde o narrador com o autor. Deixando-nos um sinal de alerta para a observação do teor do texto. Em concordância com a mesma situação, a cronista do texto “Crônica sobre depressão” escreve: Essa menina começou a se isolar de tudo e de todos. Demonstrava não ter mais alegria e nem vontade de viver. De repente começou a ter crise de ansiedade. E no final da crônica faz um apelo: Ajudem e dê atenção às pessoas que tem depressão e crise de ansiedade, pois a vida de algumas pessoas na maioria das vezes está em suas mãos (p.50). Sem mais delongas, essas crônicas são escritas que caracterizam um dos conceitos de letramento, enquanto prática social, pois traz as vozes destes sujeitos que chamam atenção do leitor para as suas aflições e a dos seus.

Enfim, é necessário frisar que os demais alunos e alunas da classe que não estão aqui representados, também escreveram crônicas ao longo do ano letivo, contudo, devido ao conteúdo revelador, não autorizaram a publicação, visto que poderia comprometer a imagem destes perante os colegas e a comunidade. Portanto, em respeito a esses sujeitos, nenhum desses textos foram acrescentados aqui ou no memorial final do projeto “Letramentos ressonantes nas aulas de Língua Portuguesa”. Dessa forma, é com grande alegria que chegamos a esse momento de organização final dos textos para a disponibilização da leitura. Vale lembrar que quanto aos aspectos gramaticais da nossa língua, ainda estamos em processo de ensino e aprendizagem para dirimir os possíveis equívocos. Trata-se de ações contínuas. Para mim, em concordância com a Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro a língua é viva e usada a todo instante.

Desejo a todos e a todas uma ótima leitura!
2.1 Crônicas produzidas pelos alunos e alunas do 8º A
COLETAÇÃO DE CRÔNICAS_CEAS

19 CRÔNICAS, 19 HISTÓRIAS

OITAVO ANO A 2019

Profª. Adenildes Ribeiro Sena
ORGANIZADORA
19 Crônicas, 19 Histórias
Coletânea de textos escritos pelos alunos e alunas do 8º ano A/2019, da Unidade Escolar
CEAS- Centro de Estudos e Aperfeiçoamento do Saber.

São Francisco do Conde - BA
2019

Nerinho, o lobisomem
Participante 1
Eu vou falar um pouco sobre a crônica da vida de Nerinho. Ele era um homem conhecido por virar lobisomem. Disseram que toda lua cheia, à noite, ele saía para o mato e só voltava no dia seguinte com a roupa rasgada e suja.

Um dia um garoto chamado Júnior resolveu sair à noite com ele. Os dois foram atrás de um cavalo. Mas, nesse dia era uma noite de lua cheia, assim quando eles estavam voltando para casa, Júnior olhou nos olhos dele e viu que estavam vermelhos. De repente, Júnior ficou com medo por causa do que as pessoas diziam sobre o amigo. Então ele adiantou os passos e fechou a porta da casa dele, porém quando abriu Nerinho não estava mais lá. Ele sumiu! Então, depois desse dia Júnior nunca mais saiu com ele.
Mudanças

Participante 2

Hoje, vou contar sobre a pequena comunidade chamada Muribeca, um lugar onde as pessoas conviviam com o pouco que tinha. Era uma comunidade pequena, não havia muitos moradores e nem muito comércio. Era uma roça bem pequena, em que as casas eram feitas de barro ou taipa. Não havia energia elétrica... As pessoas costumavam fazer suas comidas em panelas de barro. Um bairro que não possuía muito lazer, assim a diversão dos moradores era eles mesmos quem criavam. Em determinada época, costumavam fazer pequenos blocos ou caravanas; faziam também a esmola cantada, e frequentemente reuniam as mulheres “sambadeiras” para dançar o samba de roda.

Com o passar do tempo muitas coisas mudaram... A comunidade que era pequena foi crescendo. Aos poucos começaram a chegar muitos moradores, os quais foram construindo várias casas e alguns pontos comerciais como bares, mercadinhos, açougues, casas de materiais de construção e até igrejas.

Enfim, a comunidade mudou muito para melhor, mas tem muita coisa que precisa mudar para trazer melhorias para todos os cidadãos. Por isso, nunca vamos perder a esperança em algo melhor, assim como mudou de antigamente para agora, pode mudar de agora para o futuro. Só basta ter fé.
João furão

Participante 3

Meu tio andava muito na companhia de um homem chamado João furão. Ele comia muito cachorro assado. Um dia ele estava com meu tio brincando de dominó, então começou a ficar estranho. De repente ficou todo vermelho... Começou a passar mal. Meu tio foi levá-lo para o hospital.

Quando chegou lá, o médico disse que ele estava prestes a morrer, pois só tinha poucas horas de vida. No entanto, ele não tinha poucas horas de vida, foi um engano. Acabou ficando são, por isso continuou comendo cachorro assado até hoje e ainda não morreu.
Minha história

Participante 7

Uma garota de vinte e poucos anos, cabelos curtos e enrolados, pele morena, olhos castanho escuros, tinha por faixa de 1,70cm de altura. Ela se deparou com um triste acontecimento. Seu pai havia morrido de uma doença muito grave: a tuberculose. Ela não tinha nem chegado a conhecê-lo. Que tristeza! A sua mãe de sangue que nem se importava muito com a garota, certo que ela tinha nove irmãos, fora os de consideração, mas tão jovem tinha algo tão triste: a depressão que tomava conta dos seus sentimentos.

Algumas vezes que ela sorria por dentro e por fora ou sorria por fora e chorava por dentro. Muita gente dizia: “Isso é falta de Deus!” “Vai procurar ir à igreja”! “Isso é frescura!” “Para de drama!”

Quando tudo isso a machucava muito, enquanto ela precisava ouvir um “eu te amo” ou “eu me importo com você”. Óbvio, quem iria dizer isso? Por esses motivos a levou a fazer muita coisa. Hoje eu conto minha história de uma forma mais velha. Gostou? Acompanhe o UOL.2(Hellena) Bjs.

Desconhecida¹

¹O autor ou autora do texto não gostaria de ser identificado(a).
Hellena
Participante 7

Uma garota chamada Hellena se deparou com tantas atividades, tantas coisas que não sabia o que fazer. Por isso, resolveu pensar em algo que a inspirava muito, algo que a deixava feliz. Então ela cantou e a partir de daí começou a ter ideias brilhantes. Ela não sabia como fazer para que os professores lhe dessem uma segunda oportunidade. Ninguém nunca entendeu porque aquela garota filava tantas aulas.

Hellena diz que era porque sempre que entrava na sala ouvia as pessoas comentarem algo sobre ela... Coisas dela... Riam dela. Ela sempre soube que ninguém gostava dela. O que a deixava triste. Isso fez com que ela se afastasse das pessoas que gostava muito. Com quem gostava de estar, de rir, de brincar. Ela sente tanta saudade dessas pessoas que ninguém faz ideia.
O caso

Participante 9

Há uns cinco meses em Muribeca, um local que costumava ser tranquilo, ocorreu algo que chocou a comunidade. Uma jovem chamada Roberta, que sempre sonhou em se casar e que já tinha completado nove anos de namoro, finalmente conquistou o que queria: se casou com seu noivo, Marcos, em uma linda igreja. Juntos deram uma grande festa para comemorar o matrimônio. Desde aquele dia durante quatro meses viveram uma vida de casados como qualquer outro casal. Porém, para a surpresa do marido, Marcos, essa tranquilidade não durou muito, pois para sua grande decepção, Roberta estava se relacionando com o seu chefe de trabalho.

O marido ficou tão chocado, pois nunca pensaria que sua esposa teria uma atitude dessas. Como se não bastasse, para chocá-lo mais ainda, a filha do chefe de Roberta foi dama de honra do casamento, com isso tudo Marcos ficou tão decepcionado que nunca mais olhou a face da esposa.

Acabou que a família de Roberta ficou má vista perante a sociedade e a jovem nunca mais exerceu o posto de moça “Santa”.

Meu primeiro ano no Ceas

Participante 10

Vou falar um pouco sobre o que aconteceu comigo na escola. Na época era o meu primeiro ano no CEAS. Alguém colocou apelido em mim, é claro que eu não gostei. Quase que isso gerou briga, mas com eu era medrosa não aconteceu. A menina que colocou apelido em mim se chamava Duda, que também era do nosso primeiro ano lá no antigo Ceas. Não éramos da mesma sala. Com o passar do tempo, eu e essa menina nos tornamos colegas pelo fato de treinarmos jiu jitsu juntas. Ainda brigamos de vez em quando, mas é normal.

Depois de alguns meses houve mais duas meninas que vieram procurar briga comigo, pois nessa época eu era bobã, porém ignorei as duas. Imediatamente, contei para minha amiga que me orientou a falar com a minha mãe. Então, depois que falei com a minha mãe, ela conversou com as garotas. No dia seguinte fui para a escola, mas chegando lá essas meninas continuaram com o abuso. Eu não dei atenção e também não contei mais nada para minha mãe, logo elas perceberam que eu não estava dando importância para elas, assim pararam e agora estamos um pouco próximas.
O mendigo

Participante 13

No bairro onde eu moro é um lugar movimentado. Lá vive um homem que antigamente era um homem trabalhador e pescador que sustentava sua família através do trabalho e da pesca. Infelizmente, por ficar desempregado, hoje se encontra dominado pelo álcool, o qual anda catando latas para sustentar o vício.

Ele dorme nos abrigos e fica jogado pelas calçadas bêbado. Não se alimenta! Costuma andar pelas ruas com roupas sujas, com o cabelo às vezes crescido e com a barba grande. É muito triste a situação desse homem.
A história de Jessé

Participante 18

Aqui em Santo Estevão tem um mendigo chamado Jessé. Ele sempre está bêbado. Uma vez estava tendo uma festa no bar do “Chegado”, nesse dia Jessé se vestiu de cavalo. Foi quando um homem puxou a arma e quase atirou nele.

Jessé tem um ferro na perna e as pessoas falam que é mentira o defeito em sua aparência. Dizem que o viram em Candeias sem o ferro na perna, quando foi no outro dia ele estava com o ferro. Alguns dizem que ele é um homem rico que tem apartamento em Madre de Deus, mas que o dinheiro dele é para beber na rua.
Minha vizinha
Participante 19

Eu tenho uma vizinha muito fofoqueira. É barraqueira. Ela conversa muito. Se você começa a falar com ela descobre a vida dela toda. Houve uma vez que o filho dela “aprontou” uma. Era São João, então o menino pegou uns pedaços de madeira e colocou no fogo. Por causa disso ela xingou o filho todo, inclusive mandou que fosse embora de casa.

A vizinha implica com tudo e com todos aqui na rua. Pense em uma mulher barraqueira e conversadeira? É ela! É dona de um terreno que não deixa agente pegar manga, por isso os meninos roubam... Isso tudo é do lado da minha casa. Essa situação acontece quase todo dia, porém agora ela deu uma “acalmada”.
Ademar
Participante 21

Em um lugar bastante calmo que podemos dizer que tem grande população, estamos falando de Muribeca, bairro vizinho do Caípe e distrito de São Francisco do Conde.

Há um ano e dois meses, um jovem de característica negra, com 26 anos, baixo, que trabalhava como moto táxi naquele momento, o nome dele era Ademar, mas todos o chamavam de Babi. Ademar, por algum motivo, foi assassinado aqui em Muribeca, como era esperado todos do bairro ficaram assustados com a notícia.

Ele deixou duas filhas... Até hoje todos têm essa dúvida de quem matou Babi e qual seria o motivo. Então eu achei interessante essa história porque em Muribeca nunca foi de acontecer crimes como esse.
A sinuca

Participante 23

Em meu bairro existe um bar que tem uma sinuca. É um bar bem espaçoso que têm várias pessoas que jogam. Sempre tem campeonato a cada dois meses. As tacadas são geniais, tem até crianças que jogam da idade de 13 a 15 anos, pois algumas delas os pais deixam jogar. Existem algumas que jogam escondido dos pais. Quem disputa são os donos e alguns amigos deles ou familiares...
Coisa de casal
Participante 22

Existia um homem que só vivia trabalhando. Ele não parava, quando ele terminava um trabalho já procurava outro. Tinha dois filhos e era casado com uma mulher. Alguns diziam que ele era louco porque a família dele não passava necessidades financeiras, mas mesmo sabendo disso não parava. Isso tudo aconteceu no Caípe de Baixo.

Certo dia depois de muitos anos de casado com a mesma mulher, ele começou a desconfiar que a própria esposa, que ele tanto amava, estava roubando um pouco dinheiro dele. Quando chega do trabalho contava o que ganhava e guardava em cima do guarda-roupa. Então, depois desse dia, decidiu mudar o dinheiro de lugar, mas mesmo assim ainda sumia. Por isso, ele tomou coragem e perguntou a esposa se ela pegava o dinheiro. Naquele momento ele falou com calma que não tinha nenhum problema se ela pedisse a ele.

A mulher falou que não pegou nada, pois ela não sabia onde ficava o dinheiro e nem que ele guardava. Então ela o questionou sobre o porquê ele estaria perguntando essas coisas para ela. Ele revelou que o dinheiro estava sumindo. Depois disso ele ficou se perguntando: “se não foi ela quem poderia ser?”

De repente ele se lembrou que às vezes tomava cachaça no bar e voltava para casa escondido para que a mulher e os filhos não soubessem. Assim ele foi pedir desculpas para mulher e acabou contando a verdade sobre o dinheiro. A partir desse dia tudo ficou normal.
Eu acordei com minha irmã mais velha enchendo o saco logo pela manhã. Ninguém merece! Depois de uns dez minutos tentando voltar a dormir, pois minha linda irmã (sintam a ironia) não parava de gritar falando para eu me levantar. Eu levantei com uma preguiça, pois a preguiça me encontrou e disse que era aqui onde ela iria morar. Fui ver que horas eram. Ainda eram dez horas, para uma pessoa que acorda as onze e vai direto para o banheiro tomar banho para ir à escola, dez horas eram de madrugada. Mas fazer o quê, no momento em que você tem um irmão você começa a entender o porquê Caim matou Abel.

Depois de uma hora olhando para o celular sem fazer nada deu a hora de ir me arrumar para ir à escola. Após me arrumar e já ter almoçado olhei no relógio e ainda eram 12h:10min. Sentei no sofá e fiquei assistindo Bob Esponja até Elisana me chamar para irmos. Passamos na casa de Kauã e fomos para a escola conversando; depois a escola abriu e foi cada um para sua sala.

No primeiro horário tinha aula de Filosofia. Passei a aula todinha ouvindo música até o professor sair e entrar o de Educação Física que eram os próximos dois horários. Ele deu à média e então mandou que fôssemos para a quadra. Chegando lá eu não estava prestando atenção, por isso acabei tropeçando e caindo. Todo mundo riu, inclusive eu de mim mesma. Um tempo depois fomos brincar de baleado. Meu time perdeu, mas tudo bem. Depois eu fiquei sem fazer nada, pois os dois últimos horários eram vagos. Enfim, liberou... Fui para casa. Cheguei já me jogando na cama e dormindo.
**Pelada**

Participante 25

Na tarde de terça-feira, eu e meus amigos, decidimos ir ao campo de futebol que está localizado no bairro do Caípe de Cima jogar uma pelada. Depois chegou um homem bêbado com o facão na cintura pedindo para jogar também, mas eu, Joaquim e José recusamos o pedido dele, porque ele estava bêbado. De repente ele saiu correndo atrás de mim e de meus amigos. Nós saímos correndo pedindo socorro. Naquele momento, ficamos com um pouco de medo de ele dar um “facãozada” em mim e em meus colegas.

Percebi que o rapaz é uma boa pessoa quando não está bebendo, porque quando bebe sai procurando briga com todo mundo. Nesse local onde fica o campo é rodeado de mato, mas tem a pista. Lá acontecem vários torneios.
A vida dos idosos

Participante 28

Imagine chegar uma fase da vida em que todo mundo esquece de você, é velho demais. Acham que esse mundo é moderno demais para você. Essa é a vida que muitos velhos vivem, são esquecidos por toda a sociedade, largados em um banco de praça. Alimentando os passarinhos, já que é sua única companhia.

Sentados sozinhos com o vento no rosto e lembrando-se de tudo que já viveu, dos riscos, choros e abraços. No fim saber que a única coisa que lhe resta é a solidão a qual facilita o desenvolvimento de doenças como estresse, ansiedade ou depressão que pode levar até mesmo ao suicídio. Por isso temos que tomar muito cuidado com alguém solitário.

Aqui tinha uma velhinha doente e solitária que todos os dias procurava alguém para conversar e nem sempre encontrava. A rua onde moro é muito calma, nós podemos entrar e sair à hora que quisermos. Todos nós nos conhecemos... Ninguém faz mal a ninguém. É um lugar maravilhoso.
**Bom Sabor**

Participante 30

Voltando da escola, lembrei que precisava escrever uma crônica, mas como? Se eu não tinha a mínima ideia de como escrevê-la. Então pensei bastante até que decidi contar sobre uma família que há cinco anos morava em Candeias, no bairro Areia, um lugar bem movimentado, com bastante “zuada”. Essa família decidiu ir morar em São Francisco do Conde, no bairro de Curupéba, mais conhecido como Colmonte.

O novo bairro, a pesar de muito tranquilo e simples, onde mal se via as pessoas na rua, contribuiu para o surgimento de alguns problemas, pois as filhas do casal não aceitavam estudar em escolas públicas. Ainda havia outra situação: a casa era bem grande, contudo possuía poucos móveis, malmente televisão e colchão. Com o passar dos meses, o marido e a mulher resolveram abrir uma mercearia e uma lanchonete na frente de casa.

Logo depois, surgiu uma proposta para que eles fornecessem comida para uma empresa. Após alguns meses, o trabalho acabou, todavia, como a família era grande, havia a necessidade de mais renda. Assim, todos pensaram bastante no que fazer. Até que tiveram a ideia de abrir um negócio próprio. Nesse momento deram início à abertura de uma fornecedora de quentinhas chamada “Bom Sabor”. Felizmente, o negócio cresceu e cresceu muito... Acredito que vocês devem estar se perguntando: quem são eles? São os meus pais, Rosângela e Fábio.
Meu irmão logo de manhã

Participante 31

Acordei com o som da música do meu irmão logo de manhã às 08h: 00min me estressando. Virei para o outro lado e nada de dormir. Coloquei o travesseiro em cima da minha cabeça e não adiantou. Ele gosta de me estressar! Levantei com sono e já pensando em me vingar, mas deixei para outro dia.

Já no outro dia meu irmão fez a mesma coisa: som alto de manhã. O pior é que as músicas que ele gosta são uma piada (risos)... Me virei na cama de um lado para o outro e não consegui dormir. Levantei com muita preguiça e me joguei no sofá para mexer no celular, depois que terminei, fui ajudar minha vó... O tempo passou, e logo depois fui me arrumar para ir para escola... me arrumei, almocei super atrasada (como sempre) e saí correndo para o ponto do ônibus. Quando cheguei à escola sentei no banco com minha amiga e esperamos o portão abrir.

Entramos e fomos para nossa sala. Tivemos a primeira, a segunda e, finalmente, a terceira aula. Preparada para dar uma volta para passar o tempo, fui caminhando pela escola, quando voltei para a sala fiquei sentada escutando música até acabar o intervalo para ter a quarta e a quinta aula. Enfim, quando acabou fui para a saída e esperei o portão abrir junto com a minha amiga. Fomos cada uma para suas casas, quando cheguei em casa, fui direto tomar banho e comer.
Crônica sobre a depressão

Participante 32

O meu bairro é um lugar muito movimentado. Próximo tem uma praia em que acontece todo fim de semana jogos de futebol. É um bairro calmo e alegre. Lá havia uma menina muito contente que espalhava felicidade por onde passava. Era uma garota cheia de amor que trabalhava como maquiadora. Agora faz curso de estética na faculdade. Ela também faz lanches para vender na vendinha de seu pai. A jovem tinha vários amigos de vários lugares e se enturmava com eles sempre. Eram amigos homens e amigas mulheres.

Um dia ela chegou a minha casa chorando e reclamando da vida, naquele instante percebi que ela precisava de ajuda. Essa menina começou a se isolar de tudo e de todos. Demonstava não ter mais alegria e nem vontade de viver. De repente começou a ter crise de ansiedade. Em determinado momento estava feliz em outro estava triste, pois o sorriso que ela carregava no rosto agora não passava de uma farsa.

Essa é uma crônica que fiz com base no que aconteceu em meu bairro, por isso contei um pouco sobre essa menina.

ATENÇÃO: Ajudem e dê atenção às pessoas que tem depressão e crise de ansiedade, pois a vida de algumas pessoas na maioria das vezes está em suas mãos...
REFERÊNCIAS


APÊNDICE A: Roteiro de entrevista sobre o bairro

ROTEIRO DE ENTREVISTA SOBRE O BAIRRO

1) Qual é o seu nome completo e idade?

2) O(a) senhor(a) frequentou ou frequenta a escola?

3) Qual o nome do seu bairro? Sempre teve esse nome?

4) Há quanto tempo o(a) senhor(a) mora no bairro?

5) O (a) senhor(a) lembra de algum fato marcante que tenha acontecido neste lugar, desde o tempo em que mora aqui?

6) Que mudanças o (a) senhor(a) observou no bairro, ao longo do tempo?

7) O (a) senhor(a) conhece a história do seu bairro? Conte-nos.

8) Em relação à cultura local, aos costumes, o que mudou e o que continua sendo preservado?
ANEXO B: Cartazes produzidos no período da aula de campo
CAPÍTULO

1

ALTO RISCO

Viver nas grandes cidades tornou-se uma perigosa aventura, e o que ouvimos a todo momento. Mas será que isso nos dá o direito de julgar as pessoas, sem que as conheçamos bem?

O assalto

Quando a empregada entrou no elevador, o garoto entrou atrás. Devia ter uns dezessete anos. Preto. Desceram no mesmo andar. A empregada com o coração batendo. O corredor estava escuro, e a empregada sentiu que o garoto a seguia. Botou a chave na fechadura da porta de serviço, e em pânico. Com a porta aberta, virou-se de repente e gritou para o garoto:

— Não me bate!
— Senhora?
— Faça o que quiser, mas não me bate!
— Não, senhora, eu...

A dona da casa veio ver o que estava havendo. Viu o garoto na porta e o rosto apavorado da empregada e recuou, até pressionar as costas contra a geladeira.

— Você está armado?
— Eu? Não.

A empregada, que ainda não largara o pacote de compras, aconselhou a patroa, sem tirar os olhos do garoto:

— É melhor não fazer nada, madame. O melhor é não gritar.

— Eu não vou fazer nada, juro! — disse a patroa, quase nos prantos. — Você pode entrar. Pode fazer o que quiser. Não precisa usar a violência.

O garoto olhou de uma mulher para outra. Apalpando. Perguntou:

— Aqui é o 712?
— O que você quiser. Entre. Ninguém vai reagir.

O garoto hesitou, depois deu um passo para dentro da cozinha. A empregada e a patroa recuaram ainda mais. A patroa esgueirou-se pela parede até chegar à porta que dava para a sala de almoço. Disse:


O garoto também estava com os olhos arregalados. Perguntou de novo:

— Este é o 712? Eu disseram para pegar umas garrafas no 712.
A mulher chamou, com a voz trêmula:
— Henrique!
O marido apareceu na porta do gabinete. Viu o rosto da mulher, o rosto da empregada e o garoto e entendeu tudo. Chegou à hora, pensou. Sempre me indaguei como me comportaria no caso de um assalto. Chegou à hora de tirar a prova.
— O que você quer? — perguntou, dando-se conta em seguida do ridículo da pergunta. Mas sua voz estava firme.
— Eu disse que você tinha dinheiro — falou a mulher.
— Faça um trato com você — disse o marido para o garoto. — Dou tudo de valor que tem em casa, contanto que você não toque em ninguém.
E se as crianças chegarem de repente, pensou a mulher. Meu Deus, o que esse bandido vai fazer com as minhas crianças? O garoto gaguejou:
— Eu... Eu... É aqui que tem umas garrafas para pegar?
— Tenho um pouco de dinheiro. Minha mulher tem joias. Não temos cofre em casa, acrédi-
Errô, pensou o marido. Se sair com o carro, ele vai querer ter certeza de que ninguém cha-
mará a polícia. Vai levar um de nós com ele. Ou vai nos deixar todos amarrados. Ou coisa pior...
— Vou pegar o dinheiro, está bem? — disse o marido.
O garoto só piscava.
— Não tenho arma em casa. É isso que você está pensando? Você pode vir comigo.
O garoto olhou para a dona da casa e para a empregada.
— Você está pensando que elas vão aproveitar para fugir, é isso? — continuou o marido.
A patrôa, a empregada e o Henrique entraram no gabinete. Depois de alguns segundos, o garoto foi atrás. Enquanto abria a gaveta chaveada da sua mesa, o marido falava:
O garoto pegou o dinheiro, meio sem jeito.
— Olhe, eu só vim pegar as garrafas...
— Sonha, busque as suas joias. Ou melhor, vamos todos buscar as joias.
Os quatro foram para a suite do casal. O garoto atrás. No caminho ele sussurrou para a empregada:
— Aqui é o 712? — Por favor. não! — disse a empregada, encolhendo-se.
Deram todas as joias para o garoto, que estava cada vez mais embaraçado. O marido falou:
— Não precisa nos trancar no banheiro. Olhe o que eu vou fazer.
Arranquei o fio do telefone da parede.
— Você pode trancar o apartamento por fora e deixar as chaves lá embaixo. Terei tempo de fazer.
Não faremos nada. Só não queremos violência.
— Aqui não é o 712? Me disseram para pegar umas garrafas.
— Não temos mais nada, confie em mim. Também somos vítimas do sistema. Estamos do seu lado. Por favor, vá embora!

* * *

A empregada espalhou a notícia do assalto por todo o prédio. Madame teve uma crise nervosa que durou dias. O marido comentou que não dava mais para viver nesta cidade. Mas achava que alguém se sairia bem. Não entrara em pânico. Ganhara um pouco de simpatia do bandido. Poderia ter o seu lar da violência. E não revelara a existência do cofre com o grosso do dinheiro [...].


---

**Estudo do texto**

**COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO**

1. A crônica de Luís Fernando Verissimo narra um fato relativamente comum nas grandes cidades.
   a) Qual é o fato? *Um assalto ao cofre.*

   Professor: Abra a discussão com a classe. 
   Dr. Fernando: Que o texto aborda tais temas?

   b) Qual é o tema abordado pelo texto? *O pânico, o comportamento racional e antipsicopático, o medo da violência nas grandes cidades.*

2. Releia a introdução da crônica:

   "Quando a empregada entrou no elevador, o garoto entrou atrás. Devia ter uns dezessete, dezenove anos. Preto. Desceram no mesmo andar. A empregada com o coração batendo."

   a) Por que a empregada estava “com o coração batendo”? *Ele pensava que seria assaltado.*

   b) Havia motivos, até então, para ela se sentir e pensar assim? *Se não, levante hipóteses sobre as circunstâncias que podem ter desencadeado essa sensação.*

3. Ao descer do elevador, a empregada fica ainda mais desesperada.
   a) O que contribuiu para isso? *O garoto estava no mesmo andar, o corredor estava cheio de gente a falar e a rir.*

   b) Levante hipóteses: Por que a empregada implorou ao garoto que não batesse nela? *Ele pensou que ele pudesse ter um comportamento antissocial, como ocorre em muitos indivíduos.*

4. A dona do apartamento foi verificar o que estava acontecendo.
   a) O que ela deduziu ao ver a empregada e o garoto na porta? *Por que fez essa dedução?*

   Professor: Junte-se a empregada estava em pânico e tentou passar discretamente ao lado de um apartamento. Talvez o fato de ele ser negro tenha sido um fator contributivo para a dedução que ela fez.

   b) Ela também teve medo? *Se sim, de quê?*
O marido, ao ver o rosto da mulher, o rosto da empregada e o garoto, também deduziu que se trata-
va de um assalto. E pensou: "Chegou a hora."

a) O que essa frase revela sobre as preocupações do homem? O que isso revela sobre a vida nos cen-
tros urbanos?

b) Ele já havia passado por situação semelhante? Justifique.

5. Ao decorrer do texto, por várias vezes, o garoto pergunta às pessoas se lá era o 712 e comenta que
estava ali para pegar umas garrafas.

a) Por que as pessoas não ouviam o que ele dizia?

b) Por que o garoto pegou o dinheiro "meio sem jeito"?

6. O marido afirma que o garoto "é uma vítima do sistema", "que o crime é um problema social”.

a) Com que intenção ele comentou isso com o garoto?

b) Que frase do texto mostra que o marido procurava se igualar ao suposto assaltante e ao mesmo
tempo perdê-lo? A frase "Qualquer dia também começamos a assaltar para poder comer".

7. A crônica intitula-se "O assalto”.

a) Houve, realmente, um assalto? Justifique.

b) Se o garoto não fosse negro, a história seria diferente?

O narrador, no desfecho da crônica, comenta de forma irônica e quasi caricatural a reação de
da pessoa do apartamento, após o inci-
dente.

Observe estas características:
• inseguro(a), medroso(a)
• ofequeiro(a)
• protetor(a) do lar
• emocionalmente desequilibrado(a)
• preconceituoso(a)

Associe essas características:

a) a empregada;
   • preconceituoso, inseguro, medroso, ofequeiro
b) a patroa;
   • inseguro, medroso, emocionalmente des-
equilibrado e taylor preconceituoso

c) ao marido.
   • taylor preconceituoso

8. Luís Fernando Veríssimo é um dos principais cronistas de humor do país. Contudo, na maioria de
suas crônicas, não há apenas o humor, mas uma crítica aos comportamentos humanos. Na crônica
Lida, há crítica? Se sim, o que é criticado?
Porta de colégio

Passando pela porta de um colégio, me veio uma sensação nítida de que aquilo era a porta da própria vida. Banal, dirias. Mas a sensação era tocante. Por isto, parei, como se precisasse ver melhor, que via e previa.

Primeiro há uma diferença de clima entre aquele banho de adolescentes espalhados pela calçada, sentados sobre carros, em torno de carrocinhas de doces e refrigerantes, e aqueles que transitam pela rua. Não é só o uniforme. Não é só a idade. É toda uma atmosfera, como se estivessem ainda dentro de uma redoma ou aquário, numa bolha, resguardados do mundo. Talvez não estejam. Vários já sofreram a pancada da separação dos pais. Aprendem que a vida é também um exercício de separação. [...] Mas há uma sensação de pureza angelical misturada com palpitação sexual, que se exibe nos gestos sedutores dos adolescentes. Ouem-se gritos e risos cruzando a rua. Aqui e ali um casal de colegiais, abraçados, completamente dedicados ao beijo. Beijar em público: um dos ritos de quem assume o corpo e a idade. Treino para beijar o namorado na frente dos pais e da vida, como quem diz: também tenho desejos, veja como sei deslizar carícias.

Onde estarão esses meninos e meninas dentro de dez ou vinte anos?

Aquele ali, moreno, de cabelos longos corridos, que parece gostar de esportes, vai se interessar pela informática ou economia; aquela de cabelos loiros e crespos vai ser dona de butique; aquela morena de cabelos lisos quer ser médica; a gorduchinha vai acabar casando com um gerente de multinacional; aquela esguia, meio bailarina, achará um diplomata. Algumas estudarão Letras, se casarão, largarão tudo e passarão parte do dia levando filhos à praia e praça e pegando-os de novo à tardinha no colégio. Sim, aquela quer ser professora de ginástica. Mas nem todos têm certeza sobre o que serão. Na hora do vestibular resolvem. Têm tempo. É isso. Têm tempo. Estão na porta da vida e podem brincar.

 [...] A turma já perdeu um colega num desastre de carro. É terrível, mas provavelmente um outro ficará pelas rodovias. Aquele que vai tocar rock vários anos até arranjar um emprego em repartição pública. [...] Tão desinibido aquele, acabará líder comunitário e talvez político. Daqui a dez anos os outros dirão: ele sempre teve jeito, não lembra aquela mania de reunião e diretório? [...]
Se fosse haver alguma ditadura no futuro, aquele ali seria guerreirheiro. Mas esta hipótese deve ser descartada.

Quem estará naquele avião acidentado? Quem construirá uma linda mansão e um dia convidará todos da turma para uma grande festa rememorativa? [...] Aquela ali descobrirá os textos de Clarice Lispector e isto será uma iluminação para toda a vida. Quantos aparecerão na primeira página do jornal? Qual será o tranquilo comerciante quem representará o país na ONU?

Estou olhando aquele bando de adolescentes com evidente ternura. Pudesse passava a mão nos seus cabelos e contava-lhes as últimas estórias da carochinha antes que o lobo feroz os assaltasse na esquina. Pudesse lhes daria daqui: aproveitem enquanto estão no aquário e na redoma, enquanto estão na porta da vida e do colégio. O destino também passa por aí. E a gente pode às vezes modificá-lo.


Clarice Lispector (1925-1977): escritora brasileira cuja obra tem entre outras características, a de apresentar ao leitor situações de compreensão subtil da vida.

diretorio: grupo dirigente de uma associação pública ou política.

ONU: Organização das Nações Unidas.

rito: regras e convenções que regem determinadas situações ou relações sociais; ritual.

tocante: conovente, enternecedor.

Procure no dicionário outras palavras que você desconheça.

---

**Estudo do texto**

**COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO**

1. No 1º parágrafo, o narrador traz um paralelo entre a porta do colégio e a porta da vida.
   a) A que se refere a palavra *aquilo* na frase “me veio uma sensação nitida de que *aquilo* era a porta da própria vida”? Refere-se não apenas ao espaço físico (a porta de um colégio), mas a tudo o que se vive; o movimento dos adolescentes, sua expressão, sua transformação e o futuro de cada um, que já começava a se anunciar.
   b) Interprete: De acordo com o texto, o que é a porta da vida?

2. Ainda no 1º parágrafo, o narrador percebe que a sensação que teve pode ser alvo da crítica de seu leitor.
   a) Que frase evidencia essa consciência? Banal; direis.
   b) Por que a sensação que o narrador teve poderia ser qualificada dessa forma?

   Possivelmente porque a ideia de que o período escolar é uma preparação para a vida, assim como a adolescência é um estágio para a vida adulta, seja comum ou já desgastada.
Cobrança

Moacyr Scliar

A ja abria a janela e ali estava ele, diante da casa, caminhando de um lado para outro. Carregava um cartaz, cujos dizeres atrairam a atenção dos passantes: “Aqui mora uma devedora inadimplente.”

— Você não pode fazer isso comigo — protestou ela.

— Claro que posso — replicou ele. — Você comprou, não pagou. Você é uma devedora inadimplente. E eu sou cobrador. Por diversas vezes tentei lhe cobrar, você não pagou.

— Não paguei porque não tenho dinheiro. Esta crise...


— Mas você podia fazer isso de uma forma mais discreta...

— Negativo. Já usei todas as formas discretas que podia. Falei com você, expliquei, avisei. Nada. Você fazia de conta que nada tinha a ver com o assunto. Minha paciência foi se esgotando, até que não me restou outro recurso: vou ficar aqui, carregando este cartaz, até você saldar sua dívida.

Neste momento começou a chuviscar.

— Você vai se molhar — advertiu ela. — Vai acabar ficando doente.

— Ele riu, amargamente.

— E daí? Se você está preocupada com minha saúde, pague o que deve.

— Posso lhe dar um guarda-chuva...

— Não quero. Tenho de carregar o cartaz, não um guarda-chuva.

Ela agora estava irritada:

— Acabe com isso, Aristides, e venha para dentro. Afinal, você é meu marido, você mora aqui.

— Sou seu marido — retrucou ele — e você é minha mulher, mas eu sou cobrador profissional e você é devedora. Eu a avisei: não compre essa geladeira, eu não ganho o suficiente para pagar as prestações. Mas não, você não me ouviu. E agora o pessoal lá da empresa de cobrança quer o dinheiro. O que quer você que eu faça? Que perca meu emprego? De jeito nenhum. Vou ficar aqui até você cumprir sua obrigação.

Chovia mais forte, agora. Borrada, a inscrição tornara-se ilegível. A ele, isso pouco importava: continuava andando de um lado para outro, diante da casa, carregando o seu cartaz.

ANEXO F: Texto “Pelada” da coletânea de Crônicas da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro.

Peladas
Armando Nogueira

Esta pracinha sem aquela pelada virou uma chatice completa: agora, é uma bula que passa, emprestando, sem afeto, um bebê de carrinho, é um par de velhos que troca silêncios num banco sem encosto.

E, no entanto, ainda ontem, isso aqui fervia de menino, de sol, de bola, de sonho: “Eu jogo na linha! eu sou o Lula! no gol, eu não jogo, tô com o joelho rolado de ontem; vou ficar aqui atrás: entrou aqui, já sabe”. Uma gritaria, todo mundo se escaldando, todo mundo querendo tirar o selo da bola, bendito fruto de uma suada vaquinha.

Oito de cada lado e, para não confundir, um time fica como está; o outro joga sem camisa.

Já preparei uma coisa: bola de futebol, seja nova, seja velha, é um ser muito compreensivo que dança conforme a música: se está no Maracanã, numa decisão de título, ela rola e quiça com um ar dramático, mantendo sempre a mesma pose adulta, esteja nos pés de Gerson ou nas mãos de um gandula.

Em compensação, num racha de menino ninguém é mais sapeca: ela corre para cá, corre para lá, quica no meio-fio, para de estalo no canteiro, lambe a canela de um, deixa-se espremer entre mil canelas, depois escapa, rolando, doída, pela calçada. Parece um bichinho.

Aqui, nessa pelada inocente é que se pode sentir a pureza de uma bula. Afinal, trata-se de uma bola profissional, uma número cinco, cheia de carimbos ilustres: “Copa Rio-Clímax”, “FIFA-Especial”. Uma bola assim, toda de branco, coberta de condecorações por todos os gomos (gomos hexagonais!), jamais seria barrada em recepção do Itamaraty.

No entanto, aí está ela, correndo para cima e para baixo, na maior farra do mundo, disputada, maltratada até, pois, de quando em quando, acertam-lhe um bico, ela sai zarelinha, vendo estrelas, costadinha.

Racha é assim mesmo: tem bico, mas tem também sem-pulo de craque como aquele do Tona, que empatou a pelada e que lava a alma de qualquer bola. Uma pintura.

Nova saída.

Entra na praça batendo palmas como quem enxota galinha no quintal. É um velho com cara de guarda-livros que, sem pedir licença, invade o universo infantil de uma pelada e vai expulsando todo mundo. Num instante, o campo está vazio, o mundo está vazio. Não deu tempo nem de desfazer as traves feitas de camisas.

O espiralhoso-gente pega a bola, viva, ainda, tira do bolso um canivete e dá-lhe a primeira espetada. No segundo golpe, a bola começa a sangrar. Em cada gomo o coração de uma criança.

It.: Os melhores da crônica brasileira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977
Do rock

Carlos Heitor Cony

A caminho dormindo eu ouvi um passarinho, um pintado de marrom. A empregada estava de folga, o remédio era atender o meu-caráter que me batia à porta aquela hora da manhã. Vejo o camarada do bigodinho com o embaraço largo e enfeitado.

— E aqui que mora a senhorita Regina Celi?

Digo que não e fulmino o importuno com um olhar cheio de ódio e sono, mas antes de fechar a porta sinto alguma coisa de íntimo raquele “senho-
ritia Regina Celi”, sim, há uma Regina Celi em minha casa, minha própria filha, mas apenas de 12 anos, uma gurita bochechuda ainda, não merecia o título e a função de senhorita.

Chamo o homem que já estava no elevador. Era um CD, a garota encenadora um mundo de CDs numa loja próxima, e pedira que mandassem as novidades, pois as novidades estavam ali, embaladas e com a nota fiscal bem às claras.

Gero o tempo em espera, sem querer que o sócio de sono do outro lado da mesa, se encolher e permitir ao sono. Gosto sem querer que o sócio de sono do outro lado da mesa, se encolher e permitir ao sono. Gosto de ouvir um conto e um sonho sem cor nem gosto, começa o rock.

Assim está, seria começá-lo de outra. Mas o rock passou de moda, e o swing, o mambo, o baio e outras pragas vindas de alicices e próprias pragas. Pois aí estava o rock, matinal, cor de sangue e metal inundando o dia e o quarto com sua voz rouca, seu compasso monótono e histérico.

Pego honestamente meus precados e lombo o pai, que me aturava a manhã pelos sambas de Ary Barroso. O velho não dizia nada, mas me olhava fundo e talvez tivesse ganas de me esganar: Mas me aturava e aturava o meu Brasil brasileiro.

Hoje, aturo o rock. Vejo ao banheiro, lavo o rosto, visto um short e vou para a sala disposto a causar boa impressão a senhorita Regina Celi, que de babado, estivera, se degringolando ao som de U2.

O tapete já fora arrastado e amarrinhado a um canto. Meu castiçal de prata foi profanado com a cara de um tipo até simpático que naquela manhã ganharia alguma coisa a custo de meu labor e cheque.

A senhorita Regina Celi tem a cara afogada, os pés e as pernas avançam e ficam no mesmo lugar, o corpo todo tremendo e sua, até que ela me estende o braço.

— Venha, papai.

O peso dos meus invertidos e minhas banhas causa breve hesitação. Mas ali estamos, eu e a senhorita Regi-
na Celi, uma menina que ainda pego no colo e aproveço com meu amor e o meu carinho, quando ela tem medo do mundo ou de não saber os alfinetes da margem esquerda do rio Amazonas na hora do exame. Ela me chama e me perdoo.

Emo, aumento o volume do som, espero o tal do U2 dar um grito histérico e medonho — e esqueço o cheque, a vidraça e a faixa humana rebolando este catálogo corpo-pasto de espanços — até que o folego e o U2 acabem na manhã e no son.

In: Crônicas para sair na escola.
Pavão

Rubem Braga

Eu considerei a glória de um pavão ostentando o esplendor de suas cores; é um luxo imperial. Mas andei lendo livros, e descobri que aquelas cores todas não existem na pena do pavão. Não há pigmentos. O que há são minúsculas bolhas d’água em que a luz se fragmenta, como em um prisma. O pavão é um arco-íris de plumas. Eu considerei que este é o luxo do grande artista, atingir o máximo de matizes com o mínimo de elementos. De água e luz ele faz seu esplendor; seu grande mistério é a simplicidade.

Considerai, por fim, que assim é o amor, oh! minha amada; de tudo que ele suscita e esplende e estremece e delira em mim existem apenas meus olhos recebendo a luz de teu olhar. Ele me cobre de glórias e me faz magnífico.

In: Aí de ti, Copacabana
Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960